

DOSSIÊ – APRESENTAÇÃO

Rosana Baptistella¹

Este dossiê, cuja proposta e organização estiveram aos meus cuidados, reúne textos que buscam conectar arte e educação; fazer e pensar arte, oriundos de pesquisas e reflexões a partir da interdependência prática/teoria. Os autores e as autoras são artistas-pesquisadores-docentes atuantes na educação formal e não formal, vinculados a diferentes instituições localizadas nos estados de São Paulo, Goiás, Bahia, Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Sul e Paraíba. Figuram ainda Pernambuco e Mato Grosso como campos de pesquisa.

São nove artigos e dois ensaios: textos-palavras e textos-imagens que, tramando vínculos com a leitura, movem-se em territórios da dança, do teatro, do circo, das artes visuais e da performance, assim como em fronteiras e em hibridismos entre linguagens. Registros de pesquisas, reflexões, trabalhos artísticos e docentes, relatam e nos conduzem a *experiências*².

Tendo as danças indígenas como fundantes do que nomeamos danças brasileiras, por serem as primeiras manifestações dançadas pelos habitantes originários do nosso país, *boe to paru*, artigo de Fredyson Cunha³, abre este dossiê, revelando as observações do autor na reserva Meruri - etnia Bororo - e falando de sua atuação como artista e docente durante e após essa vivência; em ambos os papéis, valoriza o partilhar - que ecoa também em sua escrita.

O artigo de Tainá Barreto intitulado *Tem mulher na brincadeira? Falas femininas, corpo e dança na tradição do Cavalo Marinho pernambucano* apresenta-nos essa brincadeira em diálogo com a contemporaneidade, através de seu olhar de dançarina, “lendo” os corpos eloquentes dos dançadores, brincando junto e refletindo sobre diversos aspectos, com destaque a questões de gênero - em especial, o lugar da mulher nesta manifestação.

Daniel Costa e Tiago Bassani escrevem *Entrecruzando corpos, raízes e memórias: atravessamentos, experiências e deslocamentos no encontro com o outro*, um relato que leva o leitor por estradas de terra, caminhos e descaminhos, em viagem pelo oeste baiano, entre encontros, memórias, afetos, oralidade, gestos, sotaques, culminando na conversa com uma raizeira da região que revela a eles – e a nós – preciosidades.

Uma leitura física e acrobática é proposta por José Guilherme Bergamasco e Verônica Fabrini no texto *Árvore no deserto: uma leitura acrobática para uma dramaturgia de cena*; uma reflexão a partir de um espetáculo cênico que expressa ideias políticas e sociais do grupo *Ponte para a Lua*, em que elementos do circo se destacam na narrativa da escrita e da cena.

Fricções, fissuras ou transbordamento de linguagem nas artes? Assim Thais Gonçalves nos provoca desde o título de seu artigo; persegue a ideia de como uma linguagem da arte se compõe, observando em autores de diferentes áreas das humanidades um interesse pelo viés corporal, o que a leva a conduzir seu pensamento em direção a uma arte que se faz sem mediação, mas na relação entre corpos, ideias, conceitos por meio de aspectos sensoriais.

Nara Salles e Brenda Pio discutem sobre experiências de conexões entre os campos deflagrados no título: *Arte contemporânea, processos de criação e psicanálise: sagrado, afetos e segredos em encontros poéticos existenciais*, cujo projeto foca em uma produção estética, a partir de uma investigação da memória, da fruição da arte e do fazer artístico.

Raquel Gouvea e Nicolly Marinelli, em *Entre a experimentação corporal e a contação de história: cartografias com jovens com deficiência*, apresentam uma história vivida junto a

¹ Doutora em Educação, Bacharel e Licenciada em Dança. Pesquisadora vinculada ao Grupo ALLE/AULA - Alfabetização, Leitura e Escrita/ Trabalho Docente na Formação Inicial - Universidade Estadual de Campinas.

² LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

³ Capa: imagem referente ao espetáculo “Brevidade” de Fredyson Cunha; foto: João Maria.

jovens com deficiência chamados *aprendizes especiais*, em que valorizam os saberes e as potencialidades de cada um, em experimentações corporais, poéticas e lúdicas.

O artigo de José Tonezzi e Aluizio Guimarães, *Dos Parangolés à era digital: o leitor nas artes interativas*, traça uma reflexão acerca das diferentes posturas exigidas do leitor perante a obra imersiva e a obra interativa – nesta última, considerando as relações multimidiáticas atuais, mais do que assistir, o *interator* não só interage com a obra, mas muitas vezes atua no processo de criação e/ou interfere no resultado.

Me convém lembrar: texto, objeto e palavra numa ação no Auto do Menino Deus é o artigo de Tiago Bassani que reflete sobre uma performance que conduziu a partir da leitura de um excerto de *As veias abertas da América Latina*, de Galeano (2017), em que expõe números de mortes por violência no nosso país e questiona: *o que nos convém lembrar?*

Lucas Costa, neste ensaio visual, apresenta-nos *Série Estrutural*, ações orientadas para fotografia; seu corpo sustenta blocos de concreto criando vigas e colunas, fazendo parte da construção, instáveis e transitórias, por um instante, num embate entre corpo e arquitetura.

Paulo Vieira no ensaio *Conflitos* propõe o que indica o subtítulo: uma *análise da linguagem teatral a partir da tensão estabelecida entre o pós-dramático e o dramático*, um texto repleto de referências e histórias de crises, choques, contradições, questionamentos; levamos a profundas reflexões sobre o teatro, desde os anos 70 até os tempos atuais.

Concluo agradecendo aos autores a disponibilidade e a dedicação para o envio de textos inéditos e preciosos, que compartilham agora conosco. Convido o leitor à apreciação dessas pesquisas e reflexões artísticas e acadêmicas de profissionais formadores e/ou formados por nossas universidades públicas, comprometidos com a pesquisa e o ensino de qualidade.